

A ANÁLISE DO USO DO PRONOME OBLÍQUO “SE” EM ARTIGOS DE OPINIÃO EM ESCOLA DE NÍVEL MÉDIO

Carlos Felício de Jesus Valverde (UESB)
cfjvalverdeuesb1@gmail.com

RESUMO

O propósito deste trabalho é voltado para a análise do uso do pronome oblíquo “se” (colocados antepostos ou pospostos ao verbo) em artigos de opinião. A coleta de dados foi realizada no Colégio da Polícia Militar de Jequié – BA durante o período de estágio supervisionado II, - tendo como os responsáveis pela colaboração desta pesquisa, os alunos do 2º ano A matutino em 2015. Foi utilizado como embasamento teórico as gramáticas normativas de Evanildo Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), além desses, a dissertação de mestrado de Correia (2012) que discute sobre a cliticização pronominal. Nos dados recolhidos, buscou-se verificar se os alunos, nos Artigos de Opinião, usam mais próclise (pronome oblíquo + verbo) ou a ênclise (verbo + pronome oblíquo).

Palavras-chave: Pronome oblíquo “se”. Próclise. Ênclise.

1. Introdução

A sociolinguística é um ramo da linguística que estuda a língua em sociedade através de um sistema que é constituído por meio de regras variáveis. Ela observa os reflexos sistemáticos que existe na linguagem, seja no passado ou no presente, a fim de identificar os padrões de comportamento linguístico. Concomitantemente, a variação linguística surge para concordar e dizer que a língua não é somente um sistema homogêneo, mas sim heterogêneo e abrange a variação das formas linguísticas. Nessa concepção de língua como um sistema inerente, ou seja, essencial e cabível de sofrer mudança, buscou-se atentar a análise deste trabalho.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o pronome oblíquo átono “se” nos textos de artigos de opinião dos alunos do 2ª ano A, produzidos no ano 2015, do Colégio da Polícia Militar de Jequié – BA, com base em três variáveis: a de sexo, a de faixa etária e a de classe social. Tal estudo, contudo, busca-se ainda observar, dentre os alunos de 15 a 17 anos, quem, do sexo masculino ou do sexo feminino, utiliza mais o clítico “se”. Além disso, verifica-se quem usa inadequadamente a próclise ao invés de usar ênclise, em conformidade com o que aborda as gramáticas normativas tradicionais. Vale ressaltar que a próclise é mais utilizada no contexto

oral. Desse modo, quando usada na forma escrita, busca-se atentar ao máximo para um processo mais formal, aproximando-se da norma, o que rege as gramáticas normativas, utilizando a ênclise.

No desenvolvimento da pesquisa, foi preciso fazer uma pesquisa de campo que ocorreu durante o processo de estágio supervisionado II, no Colégio da Polícia Militar. Foram recolhidos um total de 28 artigos de opinião para a realização da pesquisa, a fim de verificar as dificuldades dos alunos em associar o uso do pronome *se* antes do verbo (próclise) ou depois dele (ênclise), dificuldades que podem ocorrer com alunos e até mesmo professores.

Os fatores condicionantes que levam o aluno a cometer os desvios do uso do pronome mencionado acima são diversos. Durante a pesquisa surgiram algumas perguntas significativas:

- (i) Será que os meninos ou as meninas de classe média à cima, na faixa etária de 15 a 17 anos, utilizam mais a próclise ou a ênclise?
- (ii) Será que os alunos não sabem usar as regras que compõe o uso da colocação pronominal, ou se esquecem de usá-la?

Por esses motivos acima, dá para entender o porquê de se fazer esse estudo e, principalmente, pela escolha específica do pronome “se”. Por mais que as gramáticas normativas aponte que há regras, que elas devem ser seguidas afim de se estabelecer um modelo padrão de língua, concomitantemente, as pessoas que utilizam da língua (os usuários da língua portuguesa, do português brasileiro), ou seja, nós, ainda comentemos esse “erro”.

2. *Perspectiva normativa*

Utilizar a próclise ou a ênclise adequadamente não é somente um fator de estilo, muito menos uma questão de escolha, mas sim uma questão de norma. No âmbito mais geral, e confirmado em pesquisas de estudiosos no assunto, como por exemplo, na dissertação de mestrado de Correia (2012), o problema de uso do pronome *se* antes ou depois do verbo não vem de agora. Essa dúvida percorre pela mente das pessoas, mais precisamente, nas dos estudantes – seja de ensino fundamental, médio e, inclusive, universitário.

A colocação pronominal é constituída por diversas regras que

compõe a utilização do pronome. Ela é formada pelos pronomes oblíquos me, nos, te, vos, o(s), a(s) ou lhe(s) e se. Assim, na busca por uma delimitação de objeto de estudo, fixou-se apenas em um único pronome, -se – supondo que ele seja mais frequentemente utilizado em produções textuais e colado também de forma equivocada.

Segundo Evanildo Bechara (1999), ao se referir a pontos que envolve a colocação pronominal afirma que, a colocação do clítico obedece a certos preceitos e estes são de ordem estritamente gramatical.

Clítico consiste em uma partícula átona com significação e função eminentemente gramaticais. Em Português, corresponde aos artigos, a algumas preposições (a, de) e aos pronomes oblíquos átonos [me, te, se, o/a(s), nos, vos, lhe(s)]. Estes – em que se detém o trabalho – frente aos demais clíticos, apresentam um caráter singular, porque correspondem a sintagmas, o que lhes permite mover-se em torno do núcleo verbal que os seleciona. (CORREIA, 2012, p. 31)

Os procedimentos normativos apresentados aqui se baseiam nas gramáticas de Rocha Lima (2011) – *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, e Evanildo Bechara (2009) – *Moderna Gramática Portuguesa*, que apontam que, ao se tratar da colocação pronominal dentro de um idioma, deve obedecer a uma ordem, e na dissertação de Correia (2012), que verifica as ocorrências do pronome “se” anteposto/posposto.

Apresentar-se-ão o conjunto de regras no geral que determinam a próclise e a ênclise num dado contexto para entender melhor o funcionamento. Nos contextos gramaticais, mostram-se que os pronomes átonos podem assumir as exatas três posições em relação ao verbo. Podem apresentar a ênclise, a próclise e mesóclise. Este trabalho se fixa apenas nos dois primeiros.

A respeito da ordem dos pronomes átonos, todos eles fazem referência majoritariamente a aspectos sintáticos (as estruturas em que os pronomes devem ocupar cada uma das três posições – “próclise”, “ênclise” ou “mesóclise”); em raros momentos, os autores reportam-se a aspectos fonéticos. Ainda assim, podem-se verificar evidências, já em gramáticas normativas, de uma provável interferência mútua entre os níveis sintático e fonético-fonológico no fenômeno da colocação pronominal [...]. (CORREIA, 2012; p. 39)

É necessário atenta-se para o fato de que, para definir quando usar a próclise ou quando usar a ênclise, deve-se recorrer à recursos. Estes, são regras que encontramos nas gramáticas quando se trata de colocação pronominal, entretanto, é abordado resumidamente, de forma superficial.

O termo “norma”, em sua produtiva polissemia, pode remeter pelo menos a duas noções: a um conjunto de regras postuladas como o uso ideal da língua

(norma subjetiva ou norma idealizada) ou a um conjunto de regras concretizadas por um grupo de falantes (norma objetiva ou norma de uso). (CORREIA, 2012, p. 38)

Segundo Câmara Jr., usa colocação pronominal junto ao verbo a fim de expressar um complemento. Desse modo, a próclise ou ênclise dos respectivos pronomes *me*, *nos*, *te*, *vos*, *o(s)*, *a(s)* ou *lhe(s)* e *se*, podem ser encontrada anteposta ou posposta ao verbo.

A ênclise caracteriza-se pela posição do pronome átono em relação ao verbo. Ela apresenta, primeiramente, o verbo + o pronome ligado por um hífen, como é apresentado no exemplo:

(1) “Deu-**me** a notícia.”

De acordo com Rocha Lima (2011), para a colocação do pronome átono existem duas formas: a enclítica e proclítica. Ele afirma que a posição normal do pronome átono é depois do verbo, ou seja, na forma enclítica.

A próclise caracteriza-se pela posição do pronome átono em relação ao verbo. Ela apresenta, primeiramente o pronome e posteriormente o verbo, sem estar ligado por um hífen, como é apresentado no exemplo:

(2) “Não **me** deu a notícia.”

É necessário salientar que, além do que foi mencionado acima, existem critérios para a colocação do pronome átono. As respectivas regras como aponta Bechara (2009; p. 588) são: não se inicia período por pronome átono. Primeiramente, deve-se colocar o verbo e depois o pronome.

Não é posto pronome átono em que aparecem depois a um verbo flexionado em oração subordinada:

(3) “Confesso que tudo aquilo **me** pareceu obscuro.”

É obrigatória a colocação da próclise quando houver orações negativas, como por exemplo, *não*, *nem*, *nunca*, *ninguém*, *nenhum*, *nada*, *jamais*, e etc., além de não haver também pausas entre o verbo e as palavras de negação como aponta na gramática de Rocha Lima:

(4) “**Nunca se** viu tal arrogância...”

Nas orações exclamativas que começam por palavras exclamativas:

(5) “**Quanto** sangue **se** derramou inutilmente.”

As normas compostas pelos compêndios gramaticais são diversas e não contemplam a pesquisa pelo todo. Desse modo, as mais relevantes de serem comentadas estão acima. É por isso que os quesitos complementares da colocação pronominal estar anteposta ou posposta ao verbo é também normativo.

Os pronomes que fazem parte da colocação pronominal são os clíticos *me, te, se, o/a(s), nos, vos, lhe(s)*. Eles particularmente se locomovem perante o núcleo verbal. Quando o pronome vier anteposto ao verbo, estará ocorrendo a próclise, do outro lado, quando o pronome vier posposto ao verbo, está ocorrendo a ênclise.

Clítico consiste em uma partícula átona com significação e função eminentemente gramaticais. Em português, corresponde aos artigos, a algumas preposições (*a, de*) e aos pronomes oblíquos átonos [*me, te, se, o/a(s), nos, vos, lhe(s)*]. Estes – em que se detém o trabalho – frente aos demais clíticos, apresentam um caráter singular, porque correspondem a sintagmas, o que lhes permite mover-se em torno do núcleo verbal que os seleciona. (CORREIA, 2012, p. 31)

3. *Um ponto de vista da sociolinguística*

Quando se trata de língua, trata-se também sobre social e do cultural. Falar de língua e sociedade e cultura e não mencionar uma visão da sociolinguística, é ser contraditório nos estudos que envolve um falante, ou estudos sobre variação. Desse modo, haveria uma desconstrução do todo, concordando que a língua não é um sistema inerente e nem heterogêneo.

A sociolinguística estuda a língua em sociedade. Ela observa os reflexos sistemáticos que existe na linguagem. Assim, a variação linguística surge para concordar e dizer que a língua não é um sistema homogêneo, mas sim heterogêneo e abrange a variação das formas linguísticas. Nessa perspectiva, são observadas as diferenças de usos tanto diacrônico, quanto sincrônico.

Sobre o estudo sociolinguístico em que envolve a variação, Correia (2012) ressalva que:

Primeiramente, é importante destacar que, segundo a proposta adotada, a variação faz parte da competência linguística dos falantes, isto é, do conhecimento acerca do sistema linguístico que determinado grupo de pessoas partilha. A variação é, então, uma propriedade coletiva e, por isso, deve ser estuda-

da considerando a comunidade de fala como um todo. (CORREIA, 2012; p. 70)

A linguagem está sempre mudando. Assim, pode-se observar as mudanças que ocorre na língua levando em conta a existência de um falante a partir de sua comunidade de fala.

A variável linguística é de suma importância para delimitar um estudo. Neste trabalho, utilizou-se as variáveis de sexo, de faixa etária e de classe social. O fator sexo é estritamente relevante: se um falante possui seu modo peculiar de falar, se expressar, diferentemente de outro falante, nada mais justo e razoável atentar-se para o fato de uma pessoa do sexo masculino e uma do sexo feminino falem de forma diferente. O fator faixa etária também é relevante: as diferenças de idade dos indivíduos influenciam no modo de falar de cada um. Decidiu-se então analisar os textos escritos dos alunos de idade entre 15 a 17. O fator classe social é de suma importância: a classe social de um indivíduo pode influenciar no modo de falar. Os alunos do 2º ano A do CPM, em sua maioria, faz parte da classe média à cima.

A variação e seus possíveis desdobramentos se dão em função da sociedade, sobretudo em função das interações dos falantes (rede social) e do papel social que cada um desempenha; por isso, um estudo sociolinguístico é desenvolvido a partir da observação da língua em uso, considerando a fala de indivíduos representativos da comunidade de fala analisada [...]. (CORREIA, 2012, p. 71)

4. Coleta de dados

No desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se do método de pesquisa de campo. O foco estava em conseguir produções textuais feitas por alunos do ensino médio do 2ª ano A, mais precisamente por artigos de opinião – assuntos que são aplicados durante esse período. A proposta deste trabalho é voltada para a análise do pronome oblíquo “se” buscando verificar as ocorrências desse pronome, próclise ou ênclise, nos artigos de opinião. A finalidade básica visa esclarecer se os alunos usam mais frequentemente esse pronome mencionado acima, e se eles o utilizam mais antes do verbo ou depois do verbo em sua produção textual.

Segundo Gil (2002) a pesquisa de campo é de suma importância. Trata-se de ter a possibilidade de se estudar um determinado evento numa comunidade, ou seja, o fenômeno pode ser estudado tanto em um único grupo como também em mais de um. Desse modo, as técnicas de

pesquisas tende a serem mais específicas e voltam-se ainda mais para as interações documentais diretas e mais detalhadas para o campo de estudo.

A classe é constituída por um total de 34 (trinta e quatro) alunos. É válido ressaltar que desse total 9 (nove) correspondem ao sexo masculino e 25 (vinte e cinco) fazem parte do sexo feminino, entretanto, apenas 28 deles estavam presentes na escrita do artigo de opinião. Além disso, a média de idade dos discentes que participaram dessa pesquisa são de 15 a 17 anos. Todavia, os mesmos fazem parte da classe média à cima.

Assim, a coleta de dados foi realizada durante o período de estágio supervisionado II que aconteceu no Colégio da Polícia Militar Professor Magalhães Neto (CPM) na cidade de Jequié – BA. As disciplinas que abrangeram o tempo de estágio foram as de Língua portuguesa, literatura e redação. Em prol de se ter uma disciplina de redação, o que facilitou a ter acesso a produções textuais durante esse momento do Estágio II, foram feitos os artigos de opinião pelos alunos. Cada um deles escreveu um artigo de opinião com base no tema internet.

A intenção de coletar os dados por meio de um artigo de opinião é que, diferentemente das redações que cobram sempre o subjetivismo ao dissertar e argumentar, eles podem ser escritos contendo marcas da 1ª pessoa. Entende-se que, dessa forma, eles têm mais liberdade na escrita e chegam a se aproximar ainda mais da forma como eles falam.

5. Resultados

De acordo com Eni Orlandi (1986, p. 51), “a sociolinguística centra sua análise nos dados”.

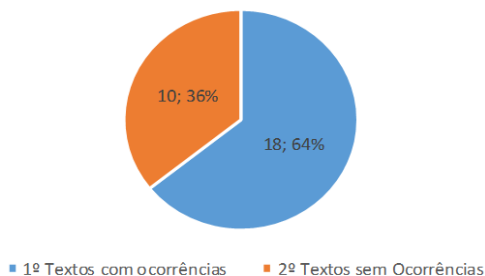
Deriva daí seu grande empenho metodológico em construir procedimentos cada vez mais sofisticados, adequados e precisos para a coleta e tratamento dos dados, já que estes são determinantes para a direção e o sucesso de qualquer trabalho nessa área. (ORLANDI; 1986, p. 51)

Dos 34 alunos que constituíam a classe, foram analisados um total de 28 artigos de opinião, já que os outros 6 estavam ausentes no dia da aplicação do artigo de opinião. Além disso, a maior parte desses textos, um total de 18, apresentaram ocorrências de próclise ou ênclise, entretanto, a minoria, 10 textos não apresentaram qualquer ocorrência de próclise ou ênclise, ou o clítico “se”.

A partir da tabela abaixo, verifica-se os textos que foram encon-

trados as ocorrências do pronome oblíquo “se” e os que não foram encontrados.

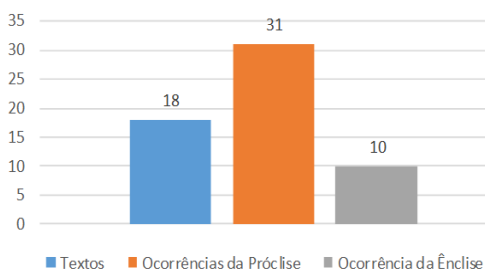
Gráfico 1 – Quantidade de textos



A análise dos dados mostra-se clara e objetiva. Os dados apresentados no gráfico 1 são concisos e objetivos. Dos 28 artigos de opinião que foram recolhidos, apenas 18 apresentaram o resultado que se buscava, constaram-se ocorrências do clítico. O restante, os 10, não apresentaram ocorrência da próclise ou da ênclise. Por isso, uma diferença de 36% a 64% de um para o outro. Vale lembrar que a classe social dos alunos que escreveram os textos é de classe média alta.

Diferentemente do gráfico acima, o outro que se encontra abaixo, mostra a quantidade de textos com ocorrência do clítico “se”, quantidade de ocorrências próclíticas e a quantidade de ocorrência ênclíticas.

Gráfico 2 – Ocorrências próclíticas e ênclíticas



A próclise obteve o maior índice de ocorrências. Ao todo, foram encontrados nos textos 31 ocorrências próclíticas. Dentre as ocorrências analisadas verifica-se abaixo alguns exemplos:

(6) “Não deixando **que** o conhecimento **se** resuma..., [...]”

Verifica-se que, o exemplo 6 é o mesmo que se ocorre no exemplo 3, não é posto pronome átono em que aparecem depois a um verbo flexionado em oração subordinada.

(7) “[...], **quando se** pode explorar o mundo..., [...]”

Verifica-se que, o exemplo 7 é o mesmo que se ocorre no exemplo 5.

Por outro lado, a ênclise teve um índice menor de ocorrência. Dos 18 textos analisados foram encontrados, apenas, 10 ocorrências. Exemplos:

(8) “O processo de globalização iniciou-**se** com...”

(9) “[...], faz-**se** necessário a conscientização...”

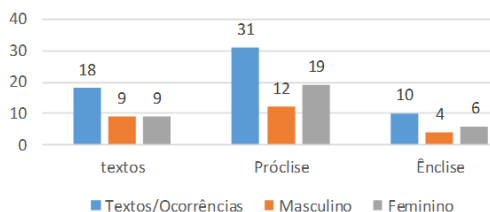
Se o “erro” da utilização da colocação pronominal é considerado, foi possível verificar uma outra ocorrência. O aluno ou a aluna, ao tentar colocar a ênclise equivocou-se; ao invés de optar por escrever a forma próclítica, escreveu a forma enclítica. Assim, verifica-se no exemplo abaixo:

(10) “Até **que** constituiu-**se**...”

Nesse momento, como foi explicado, deveria opta-se em colocar a próclise, como, por exemplo, “Até que se constitui”, devido ao pronome “que” está à frente.

O gráfico 3 se volta para a variável de sexo, a quantidade de próclise ou ênclise utilizada pelas meninas e pelos meninos.

Gráfico 3 – Ocorrências da próclise e da ênclise no sexo masculino e feminino



Dentre os 18 textos que apresentaram ocorrências, entre as 31 ocorrências de próclise e as 10 ocorrências de ênclise, verificou-se que nos artigos de opinião as meninas utilizaram mais a próclise e a ênclise, o pronome anteposto e posposto ao verbo, enquanto que os meninos utili-

zaram menos a próclise e menos a ênclise.

6. Considerações finais

Os resultados obtidos na pesquisa foram relevantes. Por meio dela, pode-se verificar a maior ocorrência e a menor ocorrência tanto da próclise como da ênclise de sexo masculino e sexo feminino. As ocorrências que foram vistas estavam sistematicamente relacionadas com o que os compêndios gramaticais apresentavam, assim com as questões apontadas por Correia (2012) na concepção da sociolinguística.

A partir dos dados apresentados no gráfico 1, gráfico 2 e gráfico 3, foi possível observar quantitativamente e qualitativamente os processos proclítico e enclítico. Além disso, verificou-se por meio dos exemplos que os processos dos quais correspondem a colocação pronominal, mais especificamente o pronome “se”, agem similarmente com as questões normativas e sociolinguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CORRÊA, Cristina Márcia Monteiro de Lima. *Cliticização pronominal na região metropolitana do Rio de Janeiro: a interface sintaxe-fonologia*. 2012. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/CorreaCMML.pdf>>.

LIMA, Rocha. *Gramática moderna da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 1986.